



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título: A influência da afetividade na aprendizagem de Jovens e Adultos

Orientanda: Mirza Costa Soares

Orientador: PROF. DR. REUBER GERBASSI SCOFANO

Rio de Janeiro/RJ

Dezembro/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título: A influência da afetividade na aprendizagem de Jovens e Adultos

Nome: Mirza Costa Soares

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador: PROF. DR. REUBER GERBASSI SCOFANO

Rio de Janeiro
Dezembro/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título: A influência da afetividade na aprendizagem de Jovens e Adultos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Reuber Gerbassi Scofano (UFRJ)

Parecerista: Prof.^a Dr.^a Irene Giambiagi (UFRJ)

Parecerista: Prof.^a Ms. Juliana de Moraes Prata (Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP UERJ)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Miron e Elza, e à minha irmã Viviane que sempre foram meus maiores incentivadores.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me proporcionado ingressar nesta renomada instituição de ensino.

Ao meu pai que sempre trabalhou muito para poder dar a melhor educação para mim e para minha irmã.

A minha mãe, que hoje mesmo sem condições de entender o momento que estou vivendo, sempre foi parceira do meu pai na missão de nos educar.

Ao meu namorado que sempre compreendeu os momentos que precisei estar ausente.

Ao meu orientador que fez esse processo parecer possível e prazeroso.

E não posso deixar de mencionar/agradecer a minha grande amiga, Priscilla Frazão. Se hoje tenho esta monografia pronta, devo muito a ela, que me incentivou, que não me deixou desistir e sempre fez o possível para que esse sonho se realizasse.

"Por isso a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma dádiva ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto e apenas com a colaboração do educador".

(Paulo Freire, 2000 pg.79)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno na EJA. Levando em conta que a afetividade pode determinar a retenção dos alunos EJA na escola, visto que são muitos os percalços que estes precisam enfrentar para estar ali na sala de aula. Este artigo nos convida a uma reflexão na questão sobre afetividade, mostrando que o professor se torna o principal mediador dessa afetividade em sala de aula propiciando a aprendizagem dos alunos, demonstrando que muitas vezes a afetividade na aprendizagem, além de retenção deste aluno, há um estímulo muito grande no ponto de vista do aluno como cidadão e aumento de sua auto estima. Este artigo se ampara em pesquisa bibliográfica, onde a fundamentação teórica se argumenta em teóricos como Cunha, Piaget, Vygotsky, Wallon e Paulo Freire. Esses comentam a necessidade da afetividade, reconhecendo que o cognitivo está associado aos estímulos do afeto. Os resultados mostram que a afetividade, além de mediar o aprendizado torna possível melhorar as relações interpessoais na escola e em outros ambientes, como trabalho e casa destes alunos.

Palavras – chave: EJA, afetividade, professor-aluno

Abstract

The present study aims to analyze the importance of affectivity in the relationship between teacher and student in EJA. Taking into account that affectivity can determine the retention of EJA students at school, since there are many mishaps that students have to face to be there in the classroom. This article invites us to reflect on the issue of affectivity, showing that the teacher becomes the main mediator of this affectivity in the classroom, favoring the students' learning, demonstrating that affectivity in learning, in addition to retention of this student, there is na encouragement in the point of view of the student as citizen and increase of its self-esteem. This article is based on bibliographical research, where the theoretical foundation is argued in such theoreticians as Piaget, Vygotsky, Wallon and Paulo Freire. They talk about the need for affectivity, recognizing that the cognitive is associated with affective stimuli. The results show that affectivity, in addition to mediating learning, makes it possible to improve interpersonal relationships at school and in other environments, such as work and home of these students

Key-words: EJA, affectivity, teacher – student

Conteúdo

1. Introdução	10
2. A Educação de Jovens e Adultos	11
2.1 Um breve histórico sobre a EJA	12
2.2 A EJA como modalidade de ensino – Referencial Legal	15
2.3 O perfil do aluno da EJA	17
3. A Afetividade	21
3.1 A afetividade segundo Vygotsky	22
3.2 A afetividade segundo Wallon	25
3.3 Jean Piaget e o desenvolvimento cognitivo e afetivo	28
3.4 Contribuições de Paulo Freire para a EJA	28
3.5 A importância da afetividade na EJA	31
3.6 A afetividade e a relação professor-aluno	33
4. Metodologia	38
5. Conclusão	40
6. Referências	41

1. Introdução

Este trabalho de monografia surge a partir da minha vivência em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro, enquanto realizava um de meus estágios obrigatórios. Sempre tive em mente que a afetividade é o alicerce das práticas pedagógicas em qualquer segmento, porém muito mais acentuado na EJA. Esta necessita professores que envolvam os alunos, que executem suas tarefas com boa vontade, e mostrem aos educandos a grande capacidade que tem de aprender.

A afetividade constitui-se como facilitadora do processo ensino aprendizagem em que o aluno passa a ser alvo da empatia do professor, que ao apoderar-se desse recurso sente-se estimulado a desenvolver uma prática pedagógica direcionada ao aluno. Como professores precisamos refletir sobre a nossa práxis, se queremos tanto a atenção de nosso aluno, bem como o controle de uma turma, temos que conhecer nosso aluno, procurar entender suas particularidades, mostrá-lo que é importante para nós e que desejamos manter um convívio harmonioso. Para Piaget (2005) a afetividade é um dos principais elementos da inteligência, é que a afetividade pode ajudar no desenvolvimento do aluno, como também pode prejudicar pelo excesso dos pais, que ocorre na superproteção.

Pretendo através de um trabalho que se amparará em pesquisa bibliográfica, analisar e discutir como tem ocorrido a afetividade na prática pedagógica entre professor e aluno, e como os professores têm utilizado as teorias de Paulo Freire, Vygotsky, Piaget e Wallon, que valorizam a afetividade aliada à educação, para melhor aprendizado do aluno.

2. A Educação de Jovens e Adultos

Neste capítulo abordaremos a Educação de Jovens e Adultos, inicialmente faremos um breve histórico para a compreendermos como um espaço de lutas. Em seguida, falaremos sobre o campo da legalidade que permeia essa modalidade de ensino. Por fim, um pequeno apanhado sobre o perfil dos estudantes da EJA.

2.1 Um breve histórico sobre a EJA

No atual contexto educacional brasileiro, podemos perceber que a educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil ocupa um papel de minoritário e não muito valorizado dentro do sistema educativo, percebemos ao longo do tempo que a EJA vem tentando enquadrar - se em meio à inadequação dos currículos, métodos e materiais didáticos.

Na década de 40 o país passava por um processo de desenvolvimento o que favoreceu a criação de campanhas, visto que o país precisava qualificar e diversificar a força de trabalho. Isto ocorre no final da ditadura de Getúlio Vargas, em 1945, o surgimento da UNESCO, que “denunciava ao mundo as profundas desigualdades entre os países e alertava para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a educação de adultos no processo de desenvolvimento das nações” (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p 111), exerceu influência positiva, reconhecendo os trabalhos que vinham sendo realizados no Brasil e estimulando a criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos.

Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil – 1940/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Tabela 1 – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade Brasil – 1940/2010

A população analfabeta no Brasil, neste período era cerca de 55% (censo 1940) e a quantidade de analfabetos era fator determinante para o atraso do país, e este recebia o rótulo de país subdesenvolvido. O analfabeto era muito mal visto e a intenção era exterminar esse “mal”. Galvão e Di Pierro (2007, p.40) nos mostra esse sentimento, neste trecho, “a ignorância, em muitos discursos formulados por higienistas e sanitaristas é considerada uma “calamidade pública” e comparada à guerra, à peste, a cataclismos, a uma praga.”. Com isso, políticas são criadas para diminuir o analfabetismo, porém não havia uma preocupação com o sujeito, nem com seu processo de aprendizagem. As pessoas adultas recebiam a mesma educação adotada na educação de crianças e outro fator relevante era de que adultos eram fáceis de serem alfabetizados, portanto qualquer pessoa alfabetizada (voluntário) poderia alfabetizar um adulto, não havia necessidade de especialização. Daí surgiu dois documentos que abordavam o tema do voluntariado, em 1948, Relação com o Público e o Voluntariado e em 1960 o Manual do Professor Voluntário – Ilustrações para o Ensino de Leitura e Linguagem Escrita.

Apesar da quantidade de programas e iniciativas para atender a Educação de Jovens e Adultos, somente com o surgimento dos programas sociais e sindicatos que vemos o surgimento de uma educação voltada não somente para a inclusão destes adultos analfabetos no processo de modernização país, mas sim para a transformação social.

Nesta fase, começa a ter notoriedade um dos maiores pedagogos do país, Paulo Freire. Freire chamava atenção de que o desenvolvimento educativo deve acontecer contextualizado

às necessidades das pessoas educadas, “com” elas e não “para” elas. Esses adultos não deviam ser vistos como ignorante ou imaturos. Até porque, “o problema do analfabetismo não era o único nem o mais grave da população: as condições de miséria em que vivia o não alfabetizado é que deveriam ser problematizadas”. (STEPHANOU, 2005, p.268).

Uma nova visão em relação ao adulto analfabeto começa a surgir nesse momento, na qual adquire força e reconhecimento, e começa a ser vista a partir de suas especificidades, “[...] Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária.” (CUNHA, 1999, p. 12).

No entanto, começaram a surgir críticas no final da década de 50 sobre a Campanha de Educação de Adultos que questionavam as deficiências administrativas, financeiras e o método e orientação pedagógica que seguiam. Tais críticas denunciavam o caráter superficial desse processo de ensino e aprendizagem, uma vez que deveria ser realizado num período de tempo muito curto, também acentuavam as inadequações do método para uma diversidade cultural tão grande presente nas regiões brasileiras.

As campanhas de Educação de Jovens e Adultos criadas e lançadas a partir de 1942 sobreviveram até 1964.

Também porque, a partir da década de 1950, as posições e situações políticas, sociais e econômicas brasileiras passam por alterações, atingindo obviamente o âmbito educacional, e os programas de educação de adultos criados até então, passavam a apresentar inadequações ao novo cenário educacional que nascia.

E é neste momento de modificações que Paulo Freire inicia suas primeiras ações educativas e em prol dos educandos adultos,

Para Paulo Freire a sociedade tradicional brasileira "fechada", se havia rachado e entrara em Trânsito, ou seja, chegara o momento de sua passagem para uma sociedade "aberta", democrática. O povo emergia nesse processo, inserindo-se nele criticamente, querendo participar e decidir, abandonando a condição de "objeto" e passando a ser "sujeito" da história. (PAIVA, 1987, p. 251)

De fato Paulo Freire pensava,

Numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a

vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação.” (FREIRE, 1980, p.104).

Paulo Freire apresentava uma proposta de alfabetização e de educação que visava a conscientização dos sujeitos no processo, porém com o Golpe Militar de 1964, os programas de alfabetização que visavam a transformação social foram interrompidos e a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas.

O governo repressor implantado na época só permitiu a realização de programas assistencialistas para atender a demanda de adultos analfabetos. E no ano de 1967 aprovou-se pela lei nº 5379 o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). A concepção que o MOBRAL e seus educadores defendiam sobre o analfabeto era de "pessoas com baixo nível sócio-econômico, porém com grande bagagem cultural". Consideravam seus alunos como pessoas tímidas e inseguras, logo o papel do educador seria o de modificar esse quadro.

Os princípios metodológicos trabalhados no MOBRAL eram a funcionalidade e a aceleração. A funcionalidade servia na verdade, para desenvolver o aluno e prepará-lo para uma função na sociedade. As atividades em sala de aula visavam modificar essas experiências individuais já mencionadas e enfatizava principalmente a aquisição da leitura e da escrita.

Na verdade a preocupação central do MOBRAL era que um indivíduo fosse alfabetizado para facilmente receber as informações e desempenhar corretamente seu papel na sociedade e no desenvolvimento. E a diferença entre o movimento e a prática de Paulo Freire se encontra no referencial ideológico dos dois, pois enquanto o educador propunha a "educação como prática da liberdade", o MOBRAL propunha intrinsecamente o condicionamento do indivíduo para a manutenção do status quo. (BELLO, 1993).

O MOBRAL apresentava uma metodologia que tentava copiar algumas das práticas de Paulo Freire, mas na verdade não alcançava nenhum dos objetivos do educador, já que as principais diferenças do autor com o movimento era justamente o posicionamento político, filosófico e pedagógico que não se encontravam.

Na década de 80 iniciou-se a abertura política no Brasil e outras experiências mais democráticas em EJA, foram ampliando-se aos poucos. O MOBRAL foi extinto no ano de 1985, e essas experiências educativas direcionadas aos grupos populares da sociedade continuaram e tornaram-se mais fortes e voltavam-se lentamente para a filosofia de Paulo Freire.

A fundação Educar tomou o lugar do MOBRAL, e diferentemente do primeiro, essa fundação não executava diretamente os programas de alfabetização, na verdade apoiava financeiramente as iniciativas que estavam conveniadas a ela.

O Ensino Supletivo foi criado em 1970 como mais uma campanha de alfabetização de adultos e adolescentes. No caso, ele deveria suprir a escolarização dos adolescentes e adultos que não frequentaram a escola no período regular e também propiciar a atualização e aperfeiçoamento.

Os professores do Ensino Supletivo, muitos eram preparados às pressas, sem fundamentação alguma sobre as características dessa modalidade de ensino. Era um preparo precário e com grandes empecilhos para que a educação acontecesse de fato nesse espaço. Outra iniciativa de EJA após o processo de democratização do país foi o MOVA (Movimento de Educação de Jovens e Adultos), oficializado no final de 1989, durante o mandato da prefeita Luiza Erundina no município de São Paulo.

Os educadores atuais de EJA, em sua grande maioria, não são preparados para trabalharem com as especificidades da clientela em questão. Sobre este aspecto, a proposta curricular para o 1º segmento em EJA sugere que, "para favorecer a leitura compreensiva e motivar os jovens e adultos que se iniciam no mundo da escrita, é fundamental selecionar textos significativos e interessantes." (BRASIL, 2001, p. 57).

O despreparo desses educadores deve-se também as baixas condições da formação e profissionalização que os cursos da área da educação oferecem e também é claro pela falta de estímulos gerados pelos baixos salários que recebem.

2.2 A EJA como modalidade de ensino – Referencial Legal

Conforme o parecer da Constituição Federal de 1988, incorporou como princípio que todo e qualquer educação visa, de acordo com o artigo 205: "O pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". (BRASIL, 1988)

A Constituição Federal declara que todos os indivíduos são integrantes desse princípio, inclusive as jovens e adultos.

Há também o artigo 214 da Constituição Federal que alega claramente uma preocupação com a EJA que ressalta:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e a integração das ações do poder público que conduzem a: I erradicação do analfabetismo; II Universalização do atendimento escolar.

Além disso, há o amparo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394 que assegura:

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si, mediante exames.

Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I. No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II. No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos. (BRASIL, 1996)

Assim também, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos Parecer CNE/CEB nº. 11/2000, de 10/05/2000 Resolução CNE/CEB 1/2000, de 05/07/2000 – estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos em consonância á Lei nº. 10.172, de 09/01/2001 Aprova o Plano Nacional de Educação e da outras providências Capítulo 5 – Modalidade de Ensino Seção III – Educação de Jovens e Adultos.

Sendo assim, tanto Constituição Federal como a LDB e demais leis em vigor dão a EJA uma dignidade própria, mas ampla, uma educação multicultural, que desenvolva o conhecimento e integração a diversidade.

2.3 O perfil do aluno da EJA

As trajetórias dos estudantes da EJA sempre foram marcadas por concepções preconceituosas e pessimistas. A ideia de que o aluno da EJA é aquele que não conseguiu estudar em idade “certa” tem levado para a discussão o processo de aprendizagens desses sujeitos. Os alunos da EJA se encontram em uma posição “diferente” em relação à criança, com uma bagagem maior de experiências, possuem crenças e valores constituídos a partir de suas vivências. Além de muito saber, vivem em constante aprendizado, afinal não existe uma idade determinada para se aprender.

Ao tratar do processo de aprendizagem escolar desses sujeitos é importante voltar a uma discussão anterior a essa, que está ligada à vida desses jovens e adultos, por que voltaram à escola depois de alguns anos ou ainda por que resolveram estudar, além de problematizar sobre seus caminhos, sua vida pessoal e profissional. Considerando ainda os motivos que levaram essas pessoas a abandonar os estudos, pois muitos quando crianças foram obrigados a deixar os estudos para trabalhar, ajudar ou garantir o sustento da família.

Esses estudantes são homens e mulheres, trabalhadores, empregados ou desempregados, ou ainda aqueles que buscam o primeiro emprego, são também filhos, pais, mães e moram geralmente na periferia das cidades. Aqueles excluídos, que não tiveram a oportunidade porque a eles não foram oportunizados esse contato com a escola.

Ainda existe uma diferença entre o jovem e o adulto da EJA, sua condição embora parecida, difere-se em algumas etapas, pois o jovem que retorna a escola ou a ela vai pela primeira vez, mesmo sem escolaridade consegue se relacionar de maneira mais dinâmica com o mundo moderno, ou ainda se integra mais rapidamente com as novas tecnologias, que já fazem parte da educação de uma maneira geral. Segundo Oliveira (2001):

[...] ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas de escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. É bem mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer mais relacionada com a sociedade letrada, escolarizada e urbana [...]. (OLIVEIRA, 2001, p. 16).

Falar em processo de construção de conhecimentos e aprendizagem no que se refere aos alunos da EJA, nos leva a discutir como se dá esse processo na realidade desses alunos. Ainda pouco explorado, esse tema deixa uma gama de questões, principalmente porque na

área psicológica os sujeitos mais estudados em relação ao processo de aprendizagem são as crianças e os adolescentes. (OLIVEIRA, 2001).

A construção do conhecimento não pode ser atribuída apenas à escola, ou a uma determinada idade, principalmente se considerada as relações da vida dos sujeitos. As pessoas vão construindo seus conhecimentos desde muito cedo, e esses não param e independem da escola. A aprendizagem do sujeito é determinada também pelas relações com o meio social. Ao longo da vida o indivíduo adquire conhecimentos mesmo sem a presença na escola. E esses devem ser considerados no processo de aprendizagem do jovem e adulto. As relações sociais desde o início dos tempos indicam que a aprendizagem dos sujeitos sempre teve aspectos que agiram mesmo sem a ajuda da escola. Ao falar de educação popular Brandão (1984), mostra que o saber circula entre os meios sociais desde tempos remotos. As contribuições do autor para entender as relações entre sociedade e sujeito, são importantes para concluirmos que o saber popular é também o saber social, ou seja, todos possuem algum tipo de saber.

[...] Durante quase toda a história social da humanidade a prática pedagógica existiu sempre, mas imersa em outras práticas sociais anteriores. Imersa no trabalho: durante as atividades de caça, pesca e coleta, depois, de agricultura e pastoreio, de artesanato e construção [...] (BRANDÃO, 1984, p. 19).

A concepção sobre aprendizagem dos alunos jovens e adultos deve seguir uma lógica em que o aprendizado ocorre ao longo da vida, desde o nascimento, nas relações familiares, na escola com os colegas e professores, quando esses a frequentam, no trabalho com as outras pessoas, com a cultura. E mesmo que a escola não esteja presente nesse caminhar, as relações sociais além da escola, contribuem e fazem com que os sujeitos aprendam.

Os estudantes jovens e adultos possuem especificidades que vão além da sua idade, Essas pessoas diferem das crianças e adolescentes não apenas por se encontrarem em uma idade mais avançada, mas por apresentarem uma experiência cultural mais ampla.

Os estudantes da EJA trazem uma gama de experiências, construções e reflexões, seus conhecimentos de vida fazem com que seu processo de aprendizagem leve em considerações diversas habilidades e potencialidades. Mesmo assim, existem algumas dificuldades, pois muitos alunos da EJA, por terem algumas responsabilidades em relação ao trabalho, cuidados com filhos, trabalhos domésticos entre outros, encontram-se em uma posição desprivilegiada em relação à criança e o adolescente que podem dedicar mais tempo aos estudos. Os jovens e adultos são capazes de aprender ao longo de toda vida, descartando assim a ideia de que exista

uma idade para que a aprendizagem aconteça. Na educação de jovens e adultos a utilização de seus conhecimentos de vida é muito importante, pois esses alunos chegam à escola com uma riqueza de experiências que não podem ser deixadas de lado. Na educação de adultos devem ser consideradas além de seus conhecimentos, suas expectativas e principalmente seu papel na sociedade.

O jovem e o adulto por possuírem uma experiência adquirida ao longo da vida, aprendem muito quando o professor relaciona os conteúdos escolares com situações do trabalho e da família, pois para esses alunos o interessante é aprender coisas que serão úteis para seu dia a dia. A construção de uma visão crítica é um importante papel da educação, portanto esses alunos devem ser estimulados a criticamente se perceberem como atores de sua própria história. Assim a escola e os educadores que trabalham com jovens e adultos devem propiciar aos estudantes condições necessárias para um melhor aproveitamento de conteúdos através da criticidade.

Os estudantes jovens e adultos apresentam expectativas ao chegarem à escola e essas expectativas podem não ter relação com um futuro, mas com o presente no qual vivem. É a busca por novas oportunidades de trabalho, cumprir as exigências do mercado, assinar o próprio nome, ler a Bíblia, ler o itinerário do transporte coletivo, garantir seus direitos, serem cidadãos. Tendo a possibilidade de participar ativamente de uma sociedade que discrimina cada vez mais o outro pelas suas diferenças e restritas habilidades.

A EJA deve ser pensada dentro da perspectiva dos sujeitos que à referida modalidade pertencem, sujeitos com história de vida, conteúdos, participação na sociedade, não é possível deixar de lado as identidades dessas pessoas. Os alunos da EJA sofrem com sua condição de oprimido, mas muitos ainda não estão cientes dessa situação, aceitando o rótulo de fracasso e muitas vezes negando seus próprios direitos. Assim se faz necessário uma formação crítica-reflexiva na qual eles possam pensar sua condição, entendê-la e poder modificá-la. Paulo Freire traz dentro da discussão da EJA, uma educação transformadora e libertadora, na qual os sujeitos despertem sua consciência em relação ao seu estado de oprimido,

[...] a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica [...] (FREIRE, 1987, p. 09).

A busca pela consciência crítica deve partir do homem, de sua ação e da reflexão, pois a conscientização baseia-se na relação constante entre a consciência e o mundo. A formação

da consciência crítica deve ser feita através de uma educação libertadora. Situar o homem na sua condição fazendo com que o mesmo possa olhar criticamente para sua realidade e ao conhecê-la atuar sobre ela.

3. A Afetividade

Neste contexto, os alunos vencem muitos desafios dia a dia, seja da sua vida pessoal, profissional ou escolar. Este é um grupo muito marginalizado, que se esconde atrás de desculpas por não saber ler ou escrever, que não se sente parte integrante da sociedade e que precisa encontrar na escola, motivos para não desistir, motivos para continuar a caminhada que foi interrompida por inúmeros fatores no passado.

O caminho para a retenção destes alunos na escola está na afetividade, assim o professor que dá atenção, que se preocupa, que realmente “enxerga” seus alunos, favorece o processo ensino-aprendizagem.

Assim surge o interesse em analisar a importância da afetividade na Educação de Jovens e Adultos na relação ensino-aprendizagem, visando entender aspectos que propiciam um bom relacionamento entre alunos e professores e a relevância deste vínculo.

Este é um grupo de alunos que necessita de compreensão maior dos professores, por conta de atrasos e faltas originados pela rotina de trabalho por exemplo. Eles encontram muitos desafios em seu caminho e é papel da escola e do professor, acolher este aluno e compreender suas dificuldades. O processo ensino-aprendizagem é influenciado pelo relacionamento do professor com os alunos. Um professor que não dá uma bronca pelo atraso de seu aluno, mas sim, se preocupa com motivo desse atraso. Seria esse atraso proposital ou resultado de uma hora extra no trabalho? É função do professor, se interessar pelo que ocorre com seus alunos e assim ele consegue mapear as razões para uma possível evasão escolar. O professor que se preocupa e que cuida de seus alunos, desperta nos seus educandos a vontade de voltar na próxima aula, a vontade de descobrir o que será ensinado na próxima aula, e tudo isso baseado na afetividade que o professor exerce sob seus alunos.

A afetividade pode ser definida segundo diferentes perspectivas, dentre outras, a filosófica, a psicológica e a pedagógica. Neste estudo a afetividade é abordada na perspectiva pedagógica, tendo em vista a relação educativa que se estabelece entre professor e aluno em sala de aula. A palavra afeto vem do latim "affectur" (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade.

O afeto é a parte de nosso psiquismo responsável pela maneira de sentir e perceber a realidade. A afetividade é, então, a parte psíquica responsável pelo significado sentimental de

tudo que vivemos. Se algo que vivenciamos está sendo agradável, prazeroso, sofrível, angustiante, causa medo ou pânico, ou nos dá satisfação, todos esses conceitos são atribuídos pela nossa afetividade. A afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos, das emoções, e desenvolve-se por meio da formação do sujeito.

Podemos constatar que o amor, carinho, compreensão, respeito, amizade, afeto, solidariedade, atenção e companheirismo têm uma forte chance de constituir o núcleo central da representação da afetividade. A concepção de afetividade em relação professor/aluno evidencia que ela emerge como um sentimento, uma atitude, um estado e uma ação. Enquanto sentimento, a afetividade aparece no discurso dos participantes de duas maneiras: primeiro concebida com amor, carinho e afeição entre as pessoas, trata-se de um sentimento que nasce na interação entre os seres humanos na relação interpessoal. A afetividade é um estado de afinidade profunda entre os sujeitos. Assim, na interação afetiva com outro sujeito, cada sujeito intensifica sua relação consigo mesmo, observa seus limites e, ao mesmo tempo, aprende a respeitar os limites do outro. A afetividade é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca. No ambiente escolar afetividade é além de dar carinho, é aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele.

De acordo com o exposto as emoções estão presentes quando estabelecemos relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade. A afetividade se estrutura nas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como energia necessária para que a estrutura cognitiva possa operar. Ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

Sendo assim, com a intenção de um aprofundamento a mais no tema afetividade, serão retomados alguns pesquisadores que tratam do assunto de forma mais particularizada, para assim se compreender a importância do trabalho afetivo na sala de aula.

3.1 A afetividade segundo Vygotsky

Lev Vygotsky (1896-1934), psicólogo interacionista explica o desenvolvimento afetivo sob um ponto de vista sócio-histórico-cultural o que nos dá condições para

apreciarmos a afetividade relacionada à educação da EJA partindo da ideia de que a aquisição de conhecimentos e de sentimentos se dá pela interação do sujeito com o meio escolar.

Vygotsky concebe o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também como alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza. Então, é perceptível que não há como desunir o afetivo do intelectual, uma vez que o ser humano precisa ser entendido como um todo, e não de forma dualista, isto é, separando a razão da emoção. Caso essa separação aconteça, é provável percebermos a presença de lacunas no processo de aprendizagem. Para Vygotsky a relação professor/aluno não deve ser uma relação de imposição, mas, sim de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um ser interativo e ativo no seu processo de construção do conhecimento.

O professor por sua vez deverá assumir um papel fundamental nesse processo, como um sujeito mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural é muito importante para a construção da aprendizagem. O professor é o mediador da aprendizagem facilitando-lhe o domínio e a apropriação dos diferentes instrumentos culturais.

Segundo o autor, a construção do conhecimento se dá coletivamente, portanto, sem ignorar a ação intrapsíquica do sujeito. Assim o autor conceituou o desenvolvimento intelectual de cada pessoa em dois níveis: real e potencial. O real é aquele já adquirido e formado que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria já possui um conhecimento consolidado. A abordagem do autor é de fora para dentro, através da internalização, ele afirma que o conhecimento se dá dentro de um contexto, afirmando serem as influências sociais mais importantes que o contexto biológico. A aprendizagem acelera processos superiores internos que só são capazes de atuar quando a criança encontra-se interagida com o meio ambiente e com outras pessoas. É importante que esses processos sejam internalizados pela criança. A educação é um processo necessário. É importante que esses processos sejam internalizados pela criança. A educação é um processo necessário. É importante considerar o principal objetivo da educação - que é a autonomia moral e intelectual.

O aluno adulto tem muito a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, não só por ser um trabalhador, mas pelo conjunto de ações que exerce na família e na sociedade. De sua parte, o educando, especialmente o adulto, ao perceber que está sendo tratado como um agente ativo, participante do processo de aprendizagem, vai se sentir mais interessado e mais

responsável. A responsabilidade é tão superior nessa concepção que o aluno compreende que está mudando sua sociedade, sua realidade e a essência de seu país pelo fato de estar mudando a si mesmo e que a educação que recebe não é favor ou caridade e sim um direito.

Atores de histórias de vida diferenciadas, os alunos da modalidade de ensino aqui abordada possuem trajetórias escolares marcadas pela exclusão, e em muitos casos sentem-se envergonhados por esta condição vivenciada - de ter parado de estudar ou de estar na escola num momento considerado por eles "tarde" -, além disso, se preocupam muito com o novo, com as descobertas, sentem receio de falar em público, de errar, e até mesmo de não ter a atenção esperada. Neste contexto é válido ressaltar a importância de uma atuação por parte do professor que valorize não apenas o aspecto cognitivo, mas também o afetivo, para que mostre ao aluno que ele é aceito independente de suas condições de vida e deve, portanto, confiar no seu potencial de aprender e conduzir seu aprendizado.

Para Vygotsky as relações sociais são fundamentais para a promoção do desenvolvimento humano pleno, para isso a dimensão afetiva deve ser desenvolvida em conjunto com a dimensão cognitiva.

Segundo LEPRE (2008, p. 315):

No que diz respeito às relações entre aprendizado e desenvolvimento, podemos afirmar que o pensamento Vygotskyano é o que oferece mais dado e possibilidades para uma intervenção pedagógica. O conceito de zona de desenvolvimento proximal oferece a pedagogia subsídios para pensar o papel de professor e de colegas mais experientes como mediadores no desenvolvimento das crianças. A zona de desenvolvimento proximal é formada pela distância entre o nível de desenvolvimento real, definido por aquilo que o sujeito consegue fazer sem a ajuda de ninguém e o nível de desenvolvimento potencial definido pela capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de um membro mais experiente da cultura.

Com base nesses preceitos de zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento proximal, o professor consegue montar estratégias de ensino para seus alunos, condizendo com o seu nível real e potencial além de ter-se a percepção da necessidade do outro para um procedimento efetivo de aprendizagem.

Vygotsky defendia que qualquer configuração de pensamento tem alicerce na dimensão afetiva e que não se podem dissociar as dimensões do afeto e cognição, no entanto, se faz necessário que essa relação seja examinada ao longo da história do desenvolvimento psicológico do homem.

Nessa perspectiva de analogia entre cognição e afetividade, Vygotsky ressalta que a vida emocional está ligada a outros processos tais como: o conjunto cultural e as interações com outras pessoas, ou seja, sua teoria destaca a origem e desenvolvimento psicológico do homem em função do meio social em que vive e as relações com o outro, mediadas por instrumentos, signos e símbolos, onde o sujeito se constrói nas suas interações com o meio.

Segundo o autor, o pensamento tem origem no campo da motivação, qual abrange interesses, abalos, necessidades, afetos e emoção.

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidade, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último "por que" de nossa análise do pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva. (VYGOTSKY, 1998 p.129)

Diante das postulações expostas por Vygotsky sobre afetividade e cognição, está evidente sua indissociação e a influência de uma dimensão a propósito de a outra.

3.2 A afetividade segundo Wallon

Henri Wallon (1879-1962) eleva a afetividade a um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Neste, a escola, que é tradicionalmente tomada como espaço onde deve imperar o desenvolvimento do conhecimento, passa a ser reconhecida como meio cujo afeto é primordial para a relação humana e o professor é responsável pela mediação afetiva na instituição de ensino.

Observamos, portanto, a inigualável importância dos aspectos afetivos para o desenvolvimento psicológico, é por meio das emoções que o aluno exterioriza seus desejos e vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos módulos tradicionais de ensino. A emoção é altamente orgânica, altera a respiração e os batimentos cardíacos, causa impacto no outro e tende a propagar-se no meio social. A afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

Conforme as ideias de Wallon (2003), a escola infelizmente insiste em imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento tão

necessária para o desenvolvimento completo da pessoa. Falar de afetividade na relação professor/aluno é falar de emoções, disciplina, postura do conflito do eu e do outro.

Para o autor, as teorias sobre emoções têm base mecanicistas e difíceis de serem compreendidas. Primeiro ele as vê como reações incoerentes e tumultuadas, depois destaca o poder ativador que têm as emoções consideradas por ele positivas.

O papel da afetividade no processo de mediação do professor direciona o olhar para a relação professor/aluno. Entretanto é possível supor que a afetividade também se expressa sob outras dimensões humanas. A dimensão afetiva é de fundamental importância para Wallon, seja do ponto de vista da construção da pessoa ou do ponto de vista do conhecimento, sendo marcante para o desenvolvimento da espécie humana, que se manifesta a partir do nascimento e estende-se ao longo dos anos de vida.

A escola na figura do professor precisa compreender o aluno e seu universo sócio-cultural. Conhecer esse universo é de grande eficácia para o trabalho do professor que atua no plano universal, cultural e pessoal. O professor tem que colocar acima de tudo sentimento de amor, carinho e respeito na sua relação com o aluno.

Assim sendo, a prática educativa na escola deve primar pelas relações de afeto e solidariedade, proporcionando situações que dê prazer ao aluno de construir conhecimentos e de crescer junto com o outro.

Apesar de algumas divergências, Vygotsky e Wallon compartilham da ideia de que afetividade se desenvolve através da interação entre os indivíduos e que a razão e a emoção estão ligadas.

Com base nesses teóricos temos como pressuposto a visualização de uma educação na qual a afetividade se coloca como elemento primordial no contexto da EJA, onde a figura do professor é pontencializadora do clima emocional positivo na sala de aula, despertando os educandos para o processo de ensino – aprendizagem, porque “é sobretudo o mestre que, pode, mudando de atitude, provocar um aperfeiçoamento da relação afetiva” (MARCHAND, 1985, p. 93).

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage. (Wallon, 1971, p.262)

Ao estudar este campo tão complexo que são as emoções, Henry Wallon distingue o significado entre emoções e afetividade.

Conforme Wallon, a emoção é um fenômeno afetivo imediato, presente em muitas das situações de vida, têm pouca duração no tempo, se diferenciado de estados afetivos duradouros. É a afetividade externada através da demonstração motora, através das atitudes expressas.

O autor adverte que é de suma importância observar os gestos, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional. Entretanto no que diz respeito à afetividade, sua concepção é mais vasta, envolvendo uma gama maior de manifestações, onde se juntam sentimentos de origem psicológica e emoções de raiz biológicas. Assim, seria ela uma soma de fenômenos psíquicos que se despontam sob a forma de emoção, sentimentos e paixões acompanhados de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, marcados por estados afetivos duradouros.

Wallon defende que a afetividade e a inteligência são campos indissociáveis, pois segundo ele a inteligência nasce das emoções, isto é a inteligência se constrói em cada indivíduo graças aos primeiros momentos de fusão emocional que há na gênese da vida humana, e que o recém-nascido tem acesso a linguagem própria do seu meio. Esse primeiro acesso é completamente emocional, pois o que importa nesse momento é a tonalidade afetiva da linguagem.

WALLON (apud ALMEIDA, 1999, p.51) destaca que:

A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Henry Wallon destaca que para o ser humano, a afetividade tem um papel fundamental em todo o decorrer da vida.

Com isso, em sua rica obra, Wallon enfatiza a importância de considerar a criança como um ser integral, onde dissociar campos que são endossáveis como a cognição e a afetividade poderá afetar esse ser em todo o seu desenvolvimento, e fundamentalmente no campo da aprendizagem.

3.3 Jean Piaget e o desenvolvimento cognitivo e afetivo

Considerado um dos maiores gênios do século XX Jean Piaget, biólogo e pesquisador, tinha como fundamentação epistemológica uma visão indissociável da relação entre sujeito – objeto, ou seja, o conhecimento é construído por intermédio de relações entre o sujeito, o meio físico e o social. É por meio da ação, que o sujeito parte para a construção de uma estrutura cognitiva, que se estabelece de forma contínua, organizada e equilibrada com o objeto.

Piaget observou em suas pesquisas que para cada fase há diferentes organizações mentais e que estas viabilizam diferentes formas de interações do sujeito com a realidade que o cerca. Tais fases do desenvolvimento nomeadas por Piaget indubitavelmente contribuem para a compreensão do que ocorre cognitivamente com o sujeito da aprendizagem, pois a concepção do processo de desenvolvimento é primordial para o acesso de uma educação crítica.

Outro norte importante de suas pesquisas foi o aspecto afetivo na constituição do sujeito. Defendia a relação indissociável entre afetividade e cognição,

As construções intelectuais têm dois aspectos indissociáveis, o afetivo e o cognitivo. Enquanto o primeiro fornece condições internas de motivação para desenrolá-lo das ações e o segundo refere-se aos mecanismos de raciocínio, que possibilitam uma compreensão do que acontece nessas ações. (PIAGET, 1977. p.45)

Logo, constata-se que a afetividade está em evidência na teoria piagetiana no que tange o desenvolvimento humano, oportunizando assim, uma aprendizagem mais significativa e auxiliando na descoberta do que interessa e motiva o aluno.

3.4 Contribuições de Paulo Freire para a EJA

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife em 19 de outubro de 1921 e faleceu em 02 de maio de 1997. Licenciou-se em Direito, chegando a exercer advocacia. De 1941 a 1947 foi professor de português. Em 1959 doutorou-se em Filosofia e História da Educação. Foi professor de Filosofia e História da Educação em 1961, na Universidade de Recife.

No ano de 1962, surgiu a primeira oportunidade para Freire disseminar suas teorias, quando instruiu 300 cortadores de cana a ler e a escrever em apenas 45 dias. A partir de então, sua presença era cotidiana em movimentos relacionados a educação. Participou de uma campanha de alfabetização de adultos nos Estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Em 1963, o então presidente João Goulart nomeou-o, Presidente da Comissão de Cultura Popular, entretanto, com o Golpe Militar de 1964, foi preso durante cerca de dois meses e exilado por quinze anos. Durante esse período, viveu no Chile.

O educador Paulo Freire é referência na área educacional em todo o mundo e devido a essa imensa contribuição à educação, e de modo especial à alfabetização de Jovens e Adultos, ele é conhecido como cidadão do mundo. As suas maiores contribuições foram no campo da educação popular, com um olhar totalmente voltado para a alfabetização e a conscientização política de jovens e adultos operários.

A Pedagogia de Paulo Freire, baseada no afeto, na ética e principalmente no respeito ao outro, inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular na década de 60. Segundo o autor:

Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosos que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais. Ao contrário, uma nova pedagogia enraizada na vida dessas subculturas, a partir delas e com elas, será um contínuo retomar reflexivo de seus próprios caminhos de libertação; não será simples reflexo, se não reflexiva criação e recriação, um ir adiante nesses caminhos: método, prática de liberdade, que, por ser tal, está intrinsecamente incapacitado para o exercício da dominação. A pedagogia do oprimido é, pois, libertadora de ambos, do oprimido e do opressor. (FREIRE, 1987, p. 9)

Precursor de um método autêntico de educação que identifica a alfabetização como um processo de conscientização, onde considerava o ato de educar um ato realmente político no qual por meio do ensino e da aprendizagem havia um compromisso assumido com o outro, para que cada indivíduo possa ser o sujeito da sua história. Paulo Freire não era um espectador da história do seu povo, de maneira que suas ideias trazem claras e explícitas as marcas da experiência vivida pelo Brasil nessas últimas décadas.

A alfabetização seria a principal arma do sujeito, capacitando o oprimido e o opressor tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita, quanto para sua libertação. Essa aprendizagem seria libertadora, integradora, crítica e ideológica. Talvez seja esse o sentido

mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história.

No tange o papel do educador, ele ressalta:

[...] educador de vocação humanista que, ao inventar suas técnicas pedagógicas, redescobre através delas o processo histórico em que e por que se constitui a consciência humana. (FREIRE, 1987, p. 10)

Paulo Freire explicita claramente que educação vai além das metodologias, técnicas e currículos, antes dá ênfase às relações essencialmente humanas que estão implicadas na educação e nos processos educacionais, e isso se comprova quando afirma que:

Não há docência sem discência. [...], ou seja, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar um aluno, é muito mais que simplesmente transmitir conhecimentos, é criar possibilidades para os alunos construírem seu conhecimento, de forma autônoma e crítica (FREIRE, 2003, p. 13-16-25).

Quando a afetividade não está presente nas relações professor - aluno, o professor se vê como o centro do processo educativo e o aluno como o seu objeto a ser formado, não há uma mediação de saberes. Nessa relação, ocorre o que Paulo Freire critica como educação bancária, um tipo de educação passiva e acrítica imposta aos alunos, na qual a prática pedagógica se reduz ao ato de depositar, transferir e transmitir valores e conhecimentos.

Com total aversão ao modelo de “educação bancária”, Paulo Freire alega que a relação professor-aluno em sala de aula deve estar em um mesmo patamar de igualdade, onde saberes são interagidos e ambos aprendem e crescem juntos e o pensar do aluno não pode ser inibido pelo pensar do professor, mas ser complementado por este.

A afetividade consente o fortalecimento do processo dialógico rompendo a relação de dominação de saberes e a atenção do professor diminui a distância entre o discurso e a prática, deixando transparecer verdades em seus ensinamento, Paulo Freire expõe:

Saber ouvir o aluno é respeitar e valorizar a sua história, seus conhecimentos de mundo que traz consigo em sua bagagem cultural e discutir com eles a razão desses saberes em relação aos conteúdos ensinados. É ter humildade frente às diferenças e incompletudes dos alunos, seres em constante aprendizagem. É ter humildade para aceitar e saber dialogar com aquele que fala e /ou escreve de uma maneira diferente normas padrões da gramática. Ao reconhecer a leitura de mundo do aluno, o professor está valorizando o seu saber cotidiano. FREIRE (2003, p. 137-139)

Verifica-se que toda a obra de Paulo Freire é rica ao se pontuar a dimensão afetiva, pois em toda ela se acentua a questão do cuidado, da ética, do respeito, do interesse, empatia, promoção, amizade, vínculo, etc., ou seja, tudo o que promove no processo educativo, o potencial humano.

Portanto, com base nas pontuações retiradas das obras de Paulo Freire, confirma-se a afetividade relacionada ao ato de aprender.

3.5 A importância da afetividade na EJA

Ao refletir-se sobre os pressupostos pontuados nesse estudo, ficou evidente que a função afetiva é indissociável cognitiva para o desenvolvimento do ser humano, pois, de consonância com os autores: Piaget, Vygotsky, Wallon e Paulo Freire, para a dimensão cognitiva ser trabalhada, o aspecto afetivo necessita ser considerado, pois para estes autores, não existem comportamentos puramente cognitivos, ou seja, não existem estados cognitivos sem elementos afetivos. Na visão desses estudiosos, o sujeito deve ser compreendido na sua integralidade, como aluno e cidadão, cidadão este que transporta com si para a sala de aula todo o seu contexto social.

E é nessa mistificação de contextos que prontamente a afetividade deve ser desenvolvida, trabalhada e valorizada na sala de aula. Essa habilidade nas relações se dará pelo exercício da reflexão, o reconhecimento de si, da autoestima, a inclusão, o respeito ao outro, etc., e isso se dará de maneira feliz e significativa na sala de aula da EJA, onde contextos diversos se vinculam. Portanto, a aprendizagem é uma construção conjunta que depende do elo da afetividade. O jovem ou adulto inserido na EJA tem possibilidade de retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas fora do âmbito escolar (na própria vida) e ainda ter formação técnica, o que lhe permitirá a entrada no mercado de trabalho.

Nesta linha, a educação de jovens e adultos apresenta uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades. Nela, adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura. A EJA é uma promessa de

qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos, que muito tem a ensinar para as novas gerações.

Desde modo verificamos que a afetividade indubitavelmente tem grande destaque na EJA, pois para se desenvolver as habilidades e competências dos indivíduos, toda ação está voltado para a afetividade e, quando essas habilidades são evolucionadas e as competências confirmadas, esse sujeito se sente mais valorizado, mais respeitado e junto, o cognitivo e o afetivo promovem o desenvolvimento integral do ser humano. Por isso, tanto o aluno quanto o educador tem um papel importante, pois no processo de construção do conhecimento, surgem oportunidades de compartilhar experiências, de expressar o respeito mútuo, o companheirismo mediante trocas afetivas, promovendo, assim, a socialização.

O educador necessita refletir acerca do ato de ensinar, meditando que além de desenvolver habilidades cognitivas é preciso que os alunos sintam-se em condições de aprender. Nessa perspectiva, é necessário idealizar o aluno como um ser capaz e buscar opções que tornem o processo mais instigante. Sobre a relevância do educador no processo de ensino aprendizagem dos alunos da EJA. Muitos alunos da EJA têm origens em quadros de desfavorecimento social e suas experiências familiares e sociais divergem, por vezes, das expectativas, conhecimentos e aptidões que muitos docentes possuem com relação a estes estudantes. Identificar, conhecer, distinguir e valorizar tal quadro é o princípio metodológico a fim de se produzir uma atuação pedagógica capaz de produzir soluções justas, equânimes e eficazes.

Assim, mais uma vez a afetividade está em evidência no papel a ser executado pelo educador que deve conhecer bem o meio próprio do educando, pois somente conhecendo sua realidade e que promoverá à motivação necessária a aprendizagem, despertando nele entusiasmo para buscarem conhecimento.

Na escola o aluno não pode ser visto como mero espectador do aprendizado é necessário haver uma mediação envolvendo interação e nessa interação o aluno deve ser parte ativa nas trocas vivências e experiências ocorridas ao longo de sua história.

Atitudes afetivas são primordiais na interação professores e aluno e essa intercâmbio, essa interação certamente contribuirá para a premência do sujeito na EJA.

Sobre essa interação, Paulo Freire diz que:

Ensinar exige querer bem aos educandos. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com

os educandos, numa prática específica do ser humano. A afetividade acha excluída da cognoscibilidade. (FREIRE, 1996, p. 141)

Educar transcende a mera apreensão ímpar com desenvolvimento cognitivo, está associado a correlações de afeto e o afeto trás alegria e alegria contagia o processo de ensino aprendizagem. Paulo Freire descreve a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza.

[...] A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. [...] Amorosamente, acrescento. (FREIRE, 1996, p. 142)

Diante dos pressupostos descritos, fica evidente que a afetividade é intrínseca a todo o desenvolvimento do ser humano, possui um elo perene com a cognição e também contribui de maneira crucial para a formação e permanência dos sujeitos da EJA na escola.

3.6 A afetividade e a relação professor-aluno

A escola é um espaço de vivências, de convivência, de interações e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade de ideias, valores e crenças e acima de tudo é uma instituição de caráter essencial na formação dos indivíduos de uma sociedade.

Na maioria dos contextos, a relação entre professor e aluno é percebida apenas no que se refere à transmissão de conhecimentos, isto é, ao aspecto cognitivo, mas este quadro está mudando, pois é perceptível que alguns estudos passaram a atribuir relevância a questão da afetividade na aprendizagem. Quando pensamos no professor enquanto mediador da modalidade de ensino abordada neste trabalho, é importante ressaltar que algumas das suas atribuições são: ouvir o aluno, entendê-lo, incentivá-lo a não desistir dos estudos, orientá-lo, dizer-lhe o quanto é peça fundamental no processo de aprendizagem, tirar suas dúvidas, entre outras.

A influência que o professor tem na sala de aula é enorme, pois ele tem a capacidade de cativar ou não o aluno, sendo que é a partir daí que ele vai estabelecer um clima que pode favorecer ou desfavorecer a aprendizagem, já que esta se dá também, a partir da construção de um bom relacionamento em sala de aula. Nesse sentido, fica claro que além das metodologias desenvolvidas nas aulas e dos recursos utilizados, uma boa relação entre professor e aluno é

essencial, pois muitas vezes este tem a escola como um "abrigo" para as dificuldades que enfrenta no dia a dia.

Então, encontrar um professor aberto para conversar, que lhe transmita confiança e que, sobretudo, não tenha uma posição autoritária o incentiva a se sentir parte do processo, desenvolvendo as atividades com alegria, bom humor e segurança. O aluno adulto já tem suas opiniões formadas e viveu inúmeras experiências na vida, as quais muitas vezes o desestimulou de continuar os estudos. Assim, apesar de não estar mais na condição de criança, ele necessita de muita atenção e carinho, pois esta relação afetiva serve como incentivo para não desistirem de voltar a escola, conservando sua autoestima elevada e percebendo o quanto são capazes, independente da diferença de idade que há entre o professor e ele, ou até mesmo entre ele e seus colegas de classe.

Todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, quer seja na relação estabelecida com outros, quer mesmo na relação estabelecida com o produto do trabalho. Mas, o caso do professor é diferente, a relação afetiva é obrigatória para o próprio exercício do trabalho, é um pré-requisito. Para que o trabalho seja efetivo, ou seja, que atinja seus objetivos, a relação afetiva necessariamente tem que ser estabelecida.

Na EJA, o vínculo é indispensável e quando é estabelecido o aluno sente-se mais forte, não se sente sozinho e este pode ser um grande estímulo para garantir sua permanência na escola. É papel de o educador estimular o estabelecimento desse vínculo, para que tenham um sentimento de pertencer à turma entendendo se como parte integrante e importante desta. (CODO & GAZZOTTI, 1999, p. 50).

As atividades que exigem maior investimento de energia afetiva são aquelas relacionadas ao cuidado: estabelecer um vínculo afetivo é fundamental para promover o bem estar do outro. Para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório.

Inserido nesse contexto escolar, para exercer sua verdadeira função, o professor precisa aprender combinar autoridade, respeito e afetividade, ao mesmo tempo em que estabelece normas, respeitando a individualidade e a liberdade de cada um. O educador necessita refletir sobre a visão muitas vezes míope e, perceber que a prática educativa pode ser vivida com afetividade e alegria sem, no entanto, negar a exatidão ética e científica, indispensáveis à prática pedagógica. (CODO & GAZZOTTI, 1999 p. 55)

COSTA e SOUZA (2006, p.12), ressaltam:

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à autoestima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade.

Isso não quer dizer que o professor goste de todos os alunos da mesma forma, mas que ele não deve consentir que sua afetividade interferisse na realização do seu dever de docente. Abertura ao querer bem significa disponibilidade para o afeto, para o Amor.

Segundo FREIRE (1983, p.29), “não existe educação sem amor. Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”.

É de suma importância que o professor trabalhe interagindo com seu aluno, mediando-o na construção do seu conhecimento, pois é através de intervenções que ele alcançará sua autonomia intelectual. Sabe-se também que com um professor dinâmico e querido por seus alunos, o ensino torna-se mais atrativo, mais desafiador, garantindo uma aprendizagem real.

Segundo LIBÂNEO (1994, p.250):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram a assimilação dos conhecimentos.

A relação professor aluno ocupa o centro do processo educativo, porquanto se confrontarmos dados de pesquisas averiguaremos que uma porcentagem referente à evasão escolar se deve a fatores intraescolares e é aqui que se encaixa a contribuição do professor.

A mediação do professor nesse processo é imprescindível, e se encaixa perfeitamente ao analisarmos a teoria de Vygotsky sobre a zona de desenvolvimento proximal, isto é, na distância entre o nível de conhecimento real e aquele que os alunos poderão construir com a ajuda de um mediador, e neste caso, um professor afetivo com seus alunos sem dúvida obterá maior êxito.

No entanto, cabe destacar que a motivação e a interação para a aprendizagem dependem das estratégias didáticas, da qualidade das intervenções do professor e também do modo como planeja e utiliza certos recursos em suas aulas, como: metodologia de projetos, aulas, passeio, dramatização, lúdico, entre outros.

Como é vivenciado que essa relação é conflituosa, e também é compreensível, pois é a sala de aula é um ambiente onde se encontra classes sociais, valores e culturas diferentes. Por tudo isso, uma aula ministrada vai muito além de repasses de conteúdo, de conhecimentos, porque nessa troca de vivências, é preciso incluir o teor emocional e afetivo, que não podem ser ignorados no processo de ensino aprendizagem.

Para LIBÂNEO (1994, p.87):

Na aprendizagem escolar há influência de fatores afetivos e sociais, tais como os que suscitam a motivação para o estudo, os que afetam as relações professor alunos, os que interferem nas disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem ou dificultam a formação de atitudes positivas dos alunos frente às suas capacidades e frente aos problemas e situações da realidade e do processo de ensino e aprendizagem.

Na atualidade, a escola parece passar por um momento de decadência, e aquele caminho de pedrinhas de brilhantes que levava ao conhecimento, parece ter perdido o significado. Em meio a essa problemática, ou seja, essa falta de um norte, o professor pode encontrar a válvula de escape investindo na afetividade.

No que tange as implicações sobre a influência da afetividade no processo de ensino aprendizagem a mesma é considerada elemento ativo nesse processo e o promove, pois se o aluno tem um relacionamento interativo com o professor, ideias e experiências serão trocadas, não terá dificuldade em expor suas opiniões e nessa mediação o docente poderá contribuir para essa construção de conhecimento e tornar a relação entre os dois menos conflitantes. LIBÂNEO (1994, p.56), explica que:

O ato pedagógico pode ser então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida [...].

Para amenizar essa tormentosa relação professor aluno, que dar ares de ter como slogan a intolerância, a resposta pode ser a mais simples e singela: afetividade. Faz necessária essa preocupação em “afetar” positivamente os alunos, oportunizando momentos e espaços adequados às interações sociais capazes de promover o desenvolvimento do sujeito em todas as suas dimensões. O autor, ressalta claramente a importância dessa afinidade ao relatar que:

As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente. (LIBÂNEO, 1994, p.249)

Sendo assim, aquele primeiro momento em que o professor adentra a sala a comunicação com os alunos é um momento crucial, pois será despertado naquele instante o gosto ou a aversão pela disciplina, e se verdadeiramente houver afeto, a aprendizagem com certeza tornar-se a mais receptiva e significativa.

Para tanto, o docente deve acreditar, querer e buscar educação mais humanística.

4. Metodologia

Este trabalho apresenta um estudo sobre a afetividade na Educação de Jovens e Adultos. Para tal, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo. De acordo com André (1995), a pesquisa qualitativa é realizada em um ambiente natural, o pesquisador é seu principal instrumento, e também existe uma preocupação maior com o processo pelo qual se consegue obter os dados, geralmente, bem maior que do que com o próprio produto.

A pesquisa não é um ato isolado, é um instrumento de emancipação, faz parte do processo de informação. Portanto, precisa surgir em toda a trajetória acadêmica, pois é uma origem educativa que pode contribuir com o processo de criação. “O que conta aí é a aprender a criar. Um dos instrumentos essenciais da criação é a pesquisa. Nisto esta o seu valor também educativo, para além da descoberta científica”. (DEMO, 1996, p.18)

Pesquisar é um meio de filosofar, no sentido de admirar a sabedoria, nos levando a questionar, criar, elaborar, experimentar e unir a teoria e prática, o que nos leva a aprender e também dialogar com nossa realidade. Neste sentido, a pesquisa é essencial ao processo educativo.

O ensino-aprendizagem mais profundo e renovador é o investigativo, forjado e renovado pelo processo de pesquisa. O caminho da pesquisa é um caminho sem retorno, é um doce “vício”; quem o experimenta não volta mais ao ensino-aprendizagem doutrinário, à fórmula final e misteriosa, ao produto acabado e revelado. “Viciado” no ensinoaprendizagem investigativo e autônomo, nos processos metodológicos criativos, o estudioso tudo quer experimentar, tudo indaga, sobre tudo questiona. O espírito investigativo se volta para o ainda não-conhecido, isto é, para o futuro da ciência e não para o seu passado. (NOSELLA, 2000, p.3)

Para construirmos essa monografia, foi necessário fazer um aprofundamento em materiais publicados, como livros, revistas, artigos e outros. Com isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica, para obtermos referências tanto gerais, como específicas a respeito de nosso tema. Analisando Gil (1991), entendemos que a Pesquisa Bibliográfica é aquela constituída com materiais publicados previamente, seus objetivos são, desvendar, recolher e analisar informações e conhecimentos prévios sobre um determinado fato, assunto, idéia, problema para o qual se procura uma resposta ou uma hipótese que se quer experimentar.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes

bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 1991, p. 44).

5. Conclusão

Este trabalho foi baseado na importância que a afetividade tem na vida do aluno e como ela facilita o aprendizado. Entendemos que ela sendo praticada em sala de aula, auxilia nas conquistas que os alunos da EJA tanto almejam. Todo ser humano necessita de afeto e em sala de aula não será diferente, pois quando essa relação é estabelecida, as práticas pedagógicas são executadas com mais fluidez e o aprendizado se torna mais prazeroso. Visto que esse é um público que luta contra o tempo e também contra muito preconceito.

As práticas pedagógicas na EJA precisam revelar atos educativos e intenções de aprendizagens para uma diversidade de conceitos e intencionalidades do docente e também é preciso implementar metodologias educacionais que contribuam para a socialização.

O professor, que faz uso de uma prática pedagógica afetiva pode estimular não só a relação afetiva, como a questão cognitiva, social do aluno. O professor é um profissional, que independente de suas limitações, se faz necessário, com a sua presença pode transformar de forma especial agindo na vida de seus alunos como exemplo, através de sua conduta, falar, andar. Educadores precisam entender que o ato de ensinar requer afeto, quando existe prazer em aprender, certamente aprende-se melhor.

O diálogo estabelecido entre professor e aluno é fator importante no processo de aprendizagem, visto que forma elos afetivos que despertam a autoestima, o interesse e a motivação. Para que o professor conheça bem seus alunos, é necessário que não negligenciem os aspectos afetivos. É preciso ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades.

Pedagogia afetiva, esta é a práxis que como educadores precisamos exercer já que os sentimentos e emoções do aluno precisam ser levados em conta, já que podem favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento cognitivo com o qual está intimamente relacionado desde que o bebê vem ao mundo.

Portanto, em busca de dias melhores para a aprendizagem, Pedagogos, diretores e professores necessitam propor a afetividade como uma ferramenta de trabalho no cotidiano escolar e indubitavelmente, na EJA.

6. Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- ALMEIDA, A. R. S. **A concepção walloniana de afetividade**. Uma análise a partir das teorias das emoções e do desenvolvimento, São Paulo, 1999.
- BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL**. História da Educação no Brasil. Período do Regime Militar. Pedagogia em Foco, Vitória, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: D.O. 5 de outubro de 1988
- _____. **Ministério da Educação e do Desporto. Educação para Jovens e Adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º seguimento**. Brasília: MEC, 2001
- _____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo Demográfico 2010** – RJ, 2012.
- _____. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CNE/CEB 11/200. Disponível em: <[HTTP://portalmeec.gov.br](http://portalmeec.gov.br)
- _____. **Lei 9.394 – LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.
- CABRAL, A. ; NICK E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1999
- CODO, W. & GAZZOTTI, A. A. (1999) Trabalho e afetividade, em Codo, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes/Brasília CNTE e Brasília LPT.
- COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. Disponível em:< http://www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.asp?f_id_artigo=549>. Acesso em: 26 de ago 2016
- CUNHA, Maria Conceição da. **Introdução - discutindo conceitos básico**. In SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.
- DEMO, Pedro. **“Pesquisar – O que é?”** In: Demo. Pesquisa: Princípio Científico e Educativo. Cortez Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 17ª edição.

_____. Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**: Paz e Terra. 11ª edição, 2003.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar proje-tos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago. 2000, nº 714, p. 108-130.

LEPRE, Rita Melissa. **Contribuições das Teorias Psicogenéticas à Construção do Conceito de Infância: implicações pedagógicas**. Rev. Teoria e Prática da educação, v.11, n.3, 309-318, set/dez. 2008

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MARCHAND, Max. Afetividade do Educador. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

MOSQUERA, J.J.M. Tentativa de Caracterização dos Sentimentos dos Professores nos Diferentes Graus de Ensino. Porto Alegre: Sulina, 1976.

NOSELLA, Paolo. A pesquisa e a formação do espírito acadêmico. Saberes, Jaraguá do Sul, n. 2, p. 01-07, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (org). Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Ação Educativa 2001.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Ciclo da Aprendizagem**. Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.

_____ (1971) **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.